

# Piauiense faz no quintal válvulas para coração e abdômen

por Luzia Pastor  
de Brasília

Osman Ribeiro de Araújo, torneiro mecânico que só cursou o primário e que um dia trocou o Piauí por Brasília, mora em uma casa simples em Guará I, na periferia do Plano Piloto. No fundo do quintal, entretanto, ele revela seu talento: a habilidade desenvolvida ao longo dos anos para fabricar válvulas para coração, hidrocefalia e drenagem do líquido ascítico, a popular barriga d'água. Ele desenvolveu também uma válvula de teflon, "material antitrombogênico", que dispensa o uso de medicamentos anticoagulantes em seus portadores, "ao contrário do que ocorre com a que existe no mundo inteiro, que é liga metálica". Araújo entrou no ramo em 1970, dez anos depois de chegar a Brasília. Seu grande incentivador foi um médico da Fundação Hospitalar, onde trabalhava, que percebeu sua habilidade manual e obteve para ele um curso no Instituto do Coração, em São Paulo, onde aprendeu as noções básicas de mecânica do coração. De saída, resolveu desenvolver uma válvula para hidrocefalia, "que no Brasil ninguém fabricava", e incrementar seus conhecimentos aperfeiçoando as válvulas que havia aprendido a fabricar. Não parou até hoje.

Agora, Araújo tem um sonho: instalar-se no pólo de alta tecnologia do Distrito Federal e lá, finalmente, montar um laboratório digno desse nome. "Nunca tive uma área adequada para trabalhar, sempre foi uma coisa improvisada, sem salas limpas ou máquinas apropriadas, e mesmo assim consegui desenvolver essas inovações. Em um laboratório poderei finalmente tentar entrar no mercado externo, fabricar em maior quantidade", explica.

Para seu projeto, Araújo espera conseguir algo que nunca quis enfrentar: um empréstimo bancário que lhe permita viabilizar o investimento previsto, de Cr\$

50 milhões. "Mas está difícil conseguir, principalmente porque o governo brasileiro não acredita nas vantagens da válvula que eu fabrico e prefere comprar a estrangeira, que custa três vezes mais", reclama.

"Se não fosse um pequeno empresário em Brasília, se estivesse no Rio ou em São Paulo, seria mais fácil divulgar meu produto", acredita ele. Sobre as razões que o levam a continuar no Distrito Federal, ele é objetivo: "Nordestino é que nem gato: cheguei aqui em caminhão, engolindo poeira, criei carinho e daqui não saio, apesar de ter tido convites".